Nesta oitava edição da revista *Revera – escritos de criação literária*, do Instituto Vera Cruz, reforçamos nossa missão de estimular o pensamento crítico sobre o ensino e a prática da escrita criativa em língua portuguesa. É por esse motivo que propomos, a cada edição, a tradução de textos basilares de nosso campo: para que a escrita criativa no Brasil e demais países de língua portuguesa possa contar com estudos fundamentados e reflexões elaboradas.

Sabemos que a escrita criativa como campo de estudos e prática é necessariamente plural e multifacetada, desde sempre marcada por aquilo que fazem os escritores e escritoras em distintos estágios, desde os iniciantes até os profissionais. É um desafio constante, portanto, nos afastarmos sempre que possível da mera opinião pessoal e nos aproximarmos de uma visão em perspectiva, capaz de dar conta do processo de escrita sem normatizá-lo excessivamente, e de considerar as infinitas práticas autorais sem recair na pedagogia da reprodução de um modelo ideal. Isto é, manter a escrita criativa viva como fazer artístico, mas atenta aos processos pedagógicos que dão solidez à prática e seu ensino.

Esta edição traz três textos exemplares para esse debate. O primeiro, da professora Márcia Ivana de Lima e Silva ("Pensando o processo criativo: Antropofagia, Intertextualidade e Redes"), estabelece conexão importante entre o conceito de antropofagia cultural proposto por Oswald de Andrade e as redes de significados na criação literária. A autora traça um panorama a partir do *Manifesto antropófago* de Oswald de Andrade para chegar à intertextualidade de Julia Kristeva e às "redes dos possíveis" de Italo Calvino. Silva argumenta que a criação artística se caracteriza por uma fusão dinâmica de influências, na qual o autor conso-

ISSN 2526-4966

me e transforma suas referências em algo novo. Ao citar autores como Fernando Pessoa, Jorge Luis Borges e Sérgio Vaz, ela defende que a literatura é uma rede viva, construída a partir de múltiplas vozes e temporalidades, onde o ato criativo se torna uma forma de "engolir" e reconfigurar o mundo cultural ao redor.

Na sequência, publicamos, em primeira mão, "Isto não é um conto: o que ensinamos quando ensinamos ficção", trecho do novo livro da escritora argentina Betina González, em tradução de Gabriela Aguerre, escritora e professora do Instituto Vera Cruz. González reflete sobre os desafios de ensinar e definir o conto, e questiona as normas tradicionais, propondo que o verdadeiro poder de um conto está em seu potencial para capturar os leitores. A autora expõe as limitações da abordagem técnica, sugerindo que a verdadeira mestria no ensino da escrita reside na capacidade de cultivar nos alunos uma relação íntima e emotiva com a linguagem. Assim, o texto de González se torna, por si só, uma meditação sobre a natureza do conto e sobre o papel da professora. O ensaio ajuda a nos afastar da ideia de uma escrita a partir da conformação dos gêneros literários e dos modelos, nos provoca a pensar a partir do processo e da relação com a linguagem.

Por fim, o terceiro texto é um clássico de Nancy Sommers, de 1980. No artigo "Estratégias de revisão de escritores estudantes e de escritores adultos experientes", Sommers critica modelos lineares de escrita, que relegam a revisão a uma fase final e, portanto, minimizam sua importância. Por meio de uma pesquisa bem fundamentada, ela observa que estudantes tendem a se concentrar em mudanças superficiais, principalmente substituindo palavras, e consideram a revisão um exercício de conformidade a regras gramaticais e de estilo. Por outro lado, escritores experientes veem a revisão como um processo recursivo e integral à descoberta e ao desenvolvimento do pensamento, ajustando a estrutura e o conteúdo para aprimorar a clareza e a conexão com os leitores.

É um ensaio importante para subsidiar as práticas pedagógicas de ensino de escrita, e temos o orgulho de poder apresentar em língua portuguesa pela primeira vez.

Também trazemos dois breves ensaios pessoais de dois escritores brasileiros importantes: Tiago Ferro e Joca Reiners Terron. Os dois textos circularam anteriormente, mas aqui temos o prazer de oferecer ao público uma versão revista pelos autores. "Escrever para adiar a morte" é resultado de uma fala de Tiago Ferro aos alunos do curso de escrita criativa da New York University, nos EUA, no início de 2024. Ferro trata de seu processo criativo na escrita do livro *O pai da menina morta* (Todavia, 2018). Para ele, escrever é uma maneira de construir uma ponte entre o passado e o presente, criando conexões que permitem ao autor revisitar, transformar e, de certa forma, prolongar a vida.

"A travessia do túnel-romance", de Joca Reiners Terron, escritor e professor do Instituto Vera Cruz, foi publicado inicialmente como uma série de tuítes na rede social X, em 2023. A convite da *Revera*, ele reviu as entradas como um texto único, uma espécie de decálogo sobre o processo de escrita de um romance, comparando-o a uma travessia de túnel. Terron descreve a escrita como um percurso misterioso, no qual o autor é guiado tanto pelo acaso quanto pelo desastre. Um texto que nos lembra da importância do processo, em que cada etapa é uma descoberta em si mesma.

Conferência Vera Cruz sobre Escrita

Como de praxe desde a primeira edição da *Revera*, em 2016, publicamos aqui a íntegra da última Conferência Vera Cruz sobre Escrita, desta vez proferida pelo escritor Jeferson Tenório, em 2023. A transcrição de sua fala "Autorização e rasura: tensões e distensões nos personagens

contemporâneos" mostra a visão do autor sobre como personagens podem representar o "outro" dentro de nós mesmos. Para ele, criar personagens, como a menina do romance *Estela sem Deus*, envolve uma "migração de si mesmo" e a convivência com o desconhecido. Tenório discute o papel da literatura em desnaturalizar a vida, ao permitir que leitores e autores confrontem o absurdo e o mistério do mundo. Com referências a Kafka, Melville, Borges e o mito do "estrangeiro", Tenório argumenta que tanto os escritores quanto os leitores devem adotar uma postura de estranhamento e aceitação da incompletude ao se engajarem com o texto literário.

*

Fechamos esta edição com duas seções, uma já tradicional, outra criada desde a edição anterior. Na primeira, "Prosa", oferecemos aos leitores textos de alunas e alunos da pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz. São produções em gêneros variados: dramaturgia, roteiro, crônica, romance e conto. A seção apresenta os autores Artur Kon (com um trecho do romance *Conclusões*), Flávia Leal (com a peça de teatro *Aos pés da figueira*), Gabriel Jacob (com um trecho do roteiro *Vale do Sol*), Isabela Mariotto (com o conto "a tarde ardia") e Natalia Viana (com a crônica "Kiss e as mulheres de Tejucopapo").

Este número se encerra com breves resenhas dos lançamentos editoriais do último ano, no Brasil, que tratam das questões da escrita e seu ensino. São 12 títulos publicados entre o final de 2023 e 2024, de autoras como Annie Ernaux, Ariana Harwicz, Betina González, Camila Sosa Villada, Cristina Rivera Garza, Djaimilia Pereira de Almeida, Jana Viscardi, Leïla Slimani e Liliana Villanueva, além de três manuais ou guias sobre a escrita e o ensino de escrita. Vale destacar a onipresença de escritoras mulheres nesta seleção anual, assim como a influência inegável

das autoras argentinas (González, Harwicz, Villada e Villanueva) sobre a maneira como pensamos a escrita nos dias de hoje, no Brasil.

Essa seção de lançamentos deve ser lida como um trabalho em perpétua continuidade e como parte da missão desta revista. No número 7, trouxemos sete lançamentos editoriais dos anos 2022 e 2023. Já na edição 6, de 2021, apresentamos uma extensa lista de mais de 40 livros publicados no Brasil sobre escrita, desde o inaugural de José de Alencar, em 1893, até aqueles publicados em 2020 (ver o artigo "Presença da escrita criativa no Brasil", de Carolina Zuppo Abed, professora do Instituto Vera Cruz). Em edições anteriores, os lançamentos não passavam de um ou dois por ano. Os números do mercado editorial mostram o que já sabíamos: o campo da escrita criativa no Brasil está em constante crescimento.

Ficamos felizes em poder participar desse movimento. Sobretudo em poder contribuir para a maturação do pensamento sobre a escrita e da prática pedagógica de seu ensino, dois pilares que não devem andar separados.

Boa leitura!

Os editores